

---

# VELHICE, CORPO E NARRATIVA

*Josimara Delgado*

*Universidade Católica de Salvador – Brasil*

**Resumo:** *O artigo aborda a construção da memória e da identidade de trabalhadores aposentados a partir de narrativas de histórias de vida coletadas em uma pesquisa na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. A principal questão apresentada é a percepção desses trabalhadores acerca das mudanças que vivenciam na velhice, num contexto de transformações sociais. Na análise interpretativa desse material, são discutidas as relações entre dimensões importantes no universo dos velhos trabalhadores como a experiência do trabalho, as trocas intergeracionais, o corpo, os papéis de gênero e geração.*

**Palavras-chave:** *corpo, narrativa, trabalhadores, velhice.*

**Abstract:** *This article deals with the construction of the memory and identity of retired workers from narratives of life histories. The main question examined is the perception of these workers regarding the changes they are living through in their old age, in a context of social transformations. In the interpretative analysis of this material, we discuss the relationships among important dimensions of the universe of elderly workers, such as work experience, exchanges among generations, their bodies, and the roles of gender and generation.*

**Keywords:** *body, narrative, old age, workers.*

## Introdução

Meus pais ensinaram de mais importante é a educação, graças a Deus, me ensinou a trabalhar, né? Eu acho que, o que eu vejo hoje, se a pessoa não trabalha é porque ele não ensina o filho trabalhar. Comparação: uma criança que é novinho hoje, não pode carregar peso. Antigamente a gente tinha ombro pra carregar tudo. Igual eu te falei que eu carregava saco de milho, de feijão e eu não tenho, graças a Deus, eu não tenho problema de coluna, eu não tenho nada. E pegava

peso. Se eu via um pegar 60 quilo, eu também pegava 60 quilo. Cê vê que o mundo continua a mesma coisa, né? O povo é que modifica, né? E o povo modificou pra pior, né? Hoje, a pessoa acha que ficando à toa, ela tá levando vantagem, mas não leva vantagem nenhuma porque a pessoa estando fazendo exercício, você esquece as coisa. Estando trabalhando, a pessoa está sempre esquecendo das coisa ruim. É por isso que eu trabalho até hoje, a gente não vê as coisa ruim não, a gente esquece. Eu quero trabalhar até morrer, até não poder nem mexer, sabe como é que é?

O trecho acima pertence à narrativa do senhor Sebastião, um aposentado de 80 anos que trabalhou ininterruptos 50 anos como vendedor ambulante. Início assim o artigo, pois esse depoimento consegue expressar, com a riqueza singular dos dados biográficos desse narrador, algumas questões presentes no universo de pesquisa com o qual trabalho, composto de narrativas de antigos trabalhadores, e que é base para as reflexões que apresento aqui. Um dos entrevistados cuja abordagem inicial deu-se na rua, o senhor Sebastião chamou minha atenção por sua presença constante num ponto movimentado do centro da cidade de Juiz de Fora (MG), vendendo seus produtos, biscoitos caseiros, sempre cercado por colegas de lojas e barracas vizinhas ou atendendo seus fregueses de forma disposta. Não pude deixar de ver, contudo, o desafio que essa presença na dinâmica da cidade, por meio do trabalho, representava para aquele corpo já bem marcado pelo tempo. A jornada na rua parecia ser momento de sociabilidade e de demonstração de sua capacidade de interagir e trabalhar, mas também de exposição e de confronto com seus limites físicos para a vivência dessa prática: o senhor Sebastião enxergava muito pouco e tinha problemas para locomoção, os quais, de fato, afastaram-no definitivamente de sua atividade um ano depois. O trecho de seu depoimento apresentado aqui fala desse desafio, traduzindo-o tão bem por meio de referências ao corpo. Para esse senhor, o corpo que continua trabalhando é memória viva de sua ligação com os pais e com um outro tempo. É ele próprio, por ter sido moldado pela educação para o trabalho, herança de uma história que o situa no presente, distinguindo-o das gerações mais jovens. Mas ao mesmo tempo, o “trabalhar até morrer” é também um projeto de esquecimento. Talvez, movimentando-se continuamente, o senhor Sebastião quisesse, contraditoriamente, impedir que o corpo se tornasse um lugar de memória, que o fizesse lembrar daquilo que ele já não é mais, que o confrontasse com a finitude. Talvez, nestes tempos em

que pais e filhos não mais estabelecem suas relações pela mediação da experiência do trabalho e pela transmissão de legados, o confronto com essa velhice, cuja substância é a ligação com as tradições do passado, seja para ele signo premonitório da morte física e social (Elias, 2001). Enfim, parece-me que, com a evocação de sua origem e do modo como ela o constitui, inscrevendo-se no próprio corpo, o senhor Sebastião mostrava a coerência e a unidade presentes em sua história, o que se deu por sua ligação à experiência de uma geração. Mas essa referência parece ser permeada por reflexões sobre si e suas relações com o mundo, principalmente sobre sua capacidade de manter esse corpo na história e sobre que práticas seriam necessárias para isso. Enfim, a velhice do senhor Sebastião parecia traduzir-se, para ele, em seu aspecto mais aparente, o corporal.

Neste artigo, busco situar esse universo investigativo, de onde extraí a narrativa do senhor Sebastião, recuperando partes do material empírico e apresentando a análise interpretativa dos códigos simbólicos.<sup>1</sup> O objetivo do texto é justamente mostrar, por meio da análise, a construção identitária dos velhos, chamando atenção para a complexidade desse lugar simbólico e social, de onde falam os narradores. Ao mesmo tempo em que expressam as vicissitudes do tempo biográfico e da revisão de vida, as narrativas trazem as marcas de um universo cultural específico, traduzem experiências comuns em termos de classe e geração, permitindo que se situe os idosos na dinâmica histórica da sociedade mais ampla. A interpretação desse universo sugere um eixo para a compreensão dos textos: o sentimento envolvido na velhice, inscrito no presente dos entrevistados, é essencial no modo como, de formas múltiplas e recorrendo a um repertório variado de temas, eles evocam seu passado, tecem sua relação com a sociedade, identificando-se através de representações fundadas em elaborações específicas do tempo-espço, do corpo e da linguagem social. Os trechos selecionados procuram mostrar que as grandes questões

---

<sup>1</sup> Refiro-me ao material analisado em minha pesquisa para o doutorado. Para essa pesquisa, entrevistei trabalhadores aposentados com idades acima de 75 anos, chegando à faixa dos 90, moradores de periferias, em Juiz de Fora, cidade da Zona da Mata de Minas Gerais. São homens e mulheres com um perfil marcado pela origem rural, os muitos anos de trabalho urbano em diversos ramos de atividade, pela baixa escolaridade (no máximo quatro anos de estudo) e baixa renda (entre um e dois salários mínimos) e pelos muitos anos como aposentados, beneficiários da Previdência Social (a média de tempo de aposentadoria é de 30 anos), tempo em que um número significativo deles experimentou o retorno ao mercado de trabalho por, pelo menos, um ano.

experimentadas pelos entrevistados passam pelo avanço da velhice, por seu enraizamento no mundo contemporâneo como corpo longo que, além de ter que lidar com as marcas do tempo sobre si, tem seu lugar social e simbólico revisitado pelas mudanças socioculturais, vivendo inúmeros desafios. Esse me pareceu ser o eixo do empenho biográfico traduzido nas narrativas e foi por essa via, explorando esse filtro perceptivo construído na interação da pesquisa, que busquei dialogar com os velhos e interpretar suas falas.

A questão básica deste trabalho é, pois, a identidade dessa geração<sup>2</sup> mais antiga de trabalhadores brasileiros no processo de transformações da sociedade contemporânea. Esses idosos, que viveram mais de perto as influências práticas e simbólicas do chamado trabalhismo brasileiro<sup>3</sup> (Gomes, 1994), vêm experimentando os processos de mudanças que ocorreram na sociedade brasileira no interior desse movimento mais amplo de transformações societárias marcado pela globalização e a reestruturação produtiva. Vivendo hoje nesse contexto de profundas mudanças sociais, esse velho, com seu olhar retrospectivo, indica tendências históricas de transformações, registrando esse processo pela angulação do velho narrador e suas questões específicas: a necessidade de reconstrução de si e de seu lugar social no presente, a partir dos recursos de sua cultura; a possibilidade de transmissão de sua experiência. O conjunto das narrativas permite ver como essas questões aparecem em muitos momentos e instâncias diferenciados da vida do idoso, sendo vivenciadas como questões práticas, postas em seu cotidiano: descansar ou trabalhar, prover ou consumir, cuidar ou divertir-se; expor-se ou recolher-se, e ainda lidar com

---

<sup>2</sup> A noção de geração social nos remete a um dos traços centrais da sociabilidade moderna: o ritmo acelerado das mudanças, a existência de uma dinâmica social intensa e a necessidade de transmissão de uma herança cultural no seio de um movimento constante de aparecimento e desaparecimento de novos grupos de idade ao mesmo tempo que de saída de participantes anteriores do processo de cultura. Trata-se aí do principal aspecto trabalhado por autores como Mannheim (1990) e Thompson (1998), que sublinham tanto a importância da geração na constituição de uma memória coletiva quanto desta última como herança social importante na avaliação de situações presentes.

<sup>3</sup> Angela de Castro Gomes (1994) indica como uma das mais importantes vivências culturais dos trabalhadores brasileiros, em seu processo de formação social e política, o projeto do “trabalhismo brasileiro”, articulador da “ideologia trabalhista”. A hipótese do seu trabalho é que a força dessa ideologia está numa ação estatal desenvolvida a partir de 1930 e especialmente no Estado Novo, capaz de dotar o trabalhador urbano de identidade e cidadania a partir da inserção produtiva e dos direitos dela decorrentes, criando uma ética de trabalho baseada na positividade deste e no resgate moral da figura do trabalhador, a qual, ao mesmo tempo em que o liga a suas raízes mais hierárquicas, garante sua inserção no mundo urbano e na nação.

a possibilidade de conciliar essas ações. É nesse sentido que, todo o tempo, as narrativas apontam a incidência de processos contemporâneos de transformações no universo desses personagens, referentes sobretudo a algumas questões: às relações entre as gerações, ao consumo, à esfera dos direitos, aos espaços da cidade, às novas formas de gestão da velhice e às mudanças no curso da vida.

As análises aqui apresentadas fundamentam-se em certas noções teóricas importantes que serão tratadas à medida que se revelam como chaves interpretativas dos depoimentos, ou seja, em função das situações concretas da pesquisa.

### Costume, corpo e práticas cotidianas

As experiências corporais dos velhos são tanto um registro contundente do mais profundo enraizamento das disposições e esquemas culturais – do *habitus*<sup>4</sup> (Bourdieu, 1996) –, quanto índice de mudanças vividas no universo social. Os relatos acerca da saúde e formas de cuidado com o corpo, como terapias e alimentação, são momentos privilegiados para a compreensão dessas experiências. Esses trechos deixam claro como as práticas envolvidas na promoção da saúde e no trato do corpo expressam, de forma apurada e num plano fundamental, as mudanças culturais em determinado universo. É nesse sentido que o discurso assume, nesses trechos, um caráter afirmativo que mostra o corpo velho, longo e saudável, como diferencialmente constituído – ele é fruto de práticas atestadas pelo costume,<sup>5</sup> sendo especialmente forte e

---

<sup>4</sup> Trabalhar a cultura por meio da noção de *habitus*, tal como desenvolvida por Bourdieu, é uma forma de lidar com as relações entre indivíduo e sociedade e entre prático e simbólico, a qual supera o trato dicotômico desses pares. O conceito de *habitus* nos lança no terreno dos gestos e sensibilidades envolvidas nas práticas de socialização, de formação/distinção dos agentes, como processos em que a sociedade se constitui como realidade para esses, por meio de um aprendizado pelo corpo. É nesses processos que o corpo vai se tornando uma experiência humana, cujos usos, movimentos e possibilidades de circulação dispõem a experiência das distinções numa lógica significativa para o sujeito.

<sup>5</sup> Sugiro a noção de costume, tal como desenvolvida por Edward Thompson (1998), para tentar traduzir a especificidade da experiência social dos sujeitos que estudo diante das mudanças. Para esse autor, uma das particularidades desse sistema está na produção de uma mudança social que invalida os esforços dos grupos mais velhos, impedindo que as gerações se coloquem como aprendizes entre si. Nesse sentido, ele explica como certas permanências no universo dos trabalhadores são formas de resistir a qualquer mudança e de reforçar a “autoridade das expectativas baseadas no costume” (Thompson, 1998, p. 22), justamente mantendo práticas baseadas na “consciência costumeira” (Thompson, 1998, p. 24), transmitida entre as gerações.

não precisando de cuidados especiais. Nesses momentos, o idoso se apropria de seu corpo, concebendo-o como emblema de sua história, elo entre os ensinamentos do passado e as gerações do presente, que recebem dele um testemunho. As representações que fazem da comida são bastante significativas nesse sentido.

Era uma família simples. A nossa comida era feijão, couve e angu. Eu fui criado com gordura de porco mesmo, por isso é que eu tô nessa idade. Eu ainda como gordura de porco até hoje. Não tenho nada. Fiz exame, deu tudo negativo. Diabete, não tem nada. Eu, depois que eu vim praqui, pra Nossa Senhora Aparecida, quando eu casei, teve uma época lá que eu engordava seis, sete capado no quintal de casa. Vendia um bocado, dava um pouco pros vizinho e comia o resto. Por isso que eu fui bem criado, porque esse óleo, a pessoa que é criada hoje, com esse óleo minha filha, é povo fraco demais! Esse óleo de hoje em dia não vale nada. (Sr. Antônio).

Eu costumava falar com as minhas neta, falo com as minhas neta aqui: lá na roça lá, tinha cabeça de inhame, inhame rosa de 80 cm de altura por 30 de grossura. Nós comemos já de manhã cedo, café de garapa, feito de garapa. Fabricava rapadura, seis mês, cana, seis mês, rapadura pra adoçar café. Então, levantava de manhã cedo, lavava a cara, passava uma água mais ou menos na cara e já ia pra tacha lá, tirar aquele pedaço de inhame, tirava aquele pedaço de inhame com uma caneca de café. Bebia aquilo. Aquilo era depurativo. O inhame é uma coisa muito boa pro sangue. Eu ainda falo com elas aí: ó, eu tô aí ainda, por causa disso, com a saúde firme. Comi muito inhame, muita batata. Esses alimento de verdade, profundo. Elas não acredita, são muito inocente, as coitada. Ainda não viram um curso da vida mesmo. (Sr. Pedro).

O tema da alimentação traz certos princípios de classificação da realidade que articulam a avaliação de propriedades relacionadas ao alimento às diferenças entre as gerações mais antigas e as jovens. Assim são evocadas as oposições entre força e fraqueza; entre a simplicidade e o condicionamento à natureza vigentes no passado e a variedade excessiva criada pelo homem de hoje; entre a profundidade e a inocência. São representações que, com suas imagens específicas, opõem as gerações como produtos de tempos distintos que formam pessoas com naturezas diferentes. No discurso sobre a comida, essa diferencialidade se expressa no corpo, na condição da saúde. A “força” e a “saúde firme” do velho longevo são a prova de que ele pertence a outro

tempo. Uma época que se registrou na memória através de imagens de uma economia solidária em que a produção do alimento, feita “no quintal de casa”, e o seu consumo, envolviam coletividades – família, vizinhos. O alimento indica, pois, pertencimentos variados que distinguem o velho e que ganham expressão precisa na fala: “a nossa comida”, “lá na roça”, “naquele tempo”. A força e a profundidade atribuídas aos alimentos são qualidades de um grupo, de um lugar, de um tempo. Como construção identitária, esse vocabulário sugere um olhar para o outro, no caso, as pessoas “de hoje”. Designando-as como “fracas demais”, “coitadas”, os narradores constroem uma simbologia acerca suas relações não só com os jovens, mas com o contemporâneo enquanto tempo que subverte um ordenamento. É um olhar de estranhamento que, em alguns casos, identifica ameaças e revela conflitos, principalmente quando a questão é a “elevação do limiar das expectativas materiais” (Thompson, 1998, p. 23) dos mais jovens, como destaca o senhor Sebastião: “Tanta alimentação que tem agora que eu acho que até faz mal. O povo tá tudo esquisito. Hoje a pessoa quer escolher só coisa boa pra comer, muita variedade e antigamente a gente não escolhia muito não.” Ao mesmo tempo, quando se colocam como representantes de outros tempos e lugares, lembrando o alimento que lhes dá substância, os velhos não evadem no tempo, mostrando que é na arena da contemporaneidade que querem demarcar seu espaço, que é importante também se afirmarem frente a esse “outro” tão diferente – mesmo porque, como indica a fala do senhor Pedro sobre seu diálogo com as netas, muitas vezes o encontro com ele se dá no contexto essencial das relações de parentesco, sendo importante, inclusive, para redefini-las. A afirmação das qualidades construídas pela experiência, a longevidade e a saúde, é também afirmação de um contexto significativo para a pessoa: “eu tô aí ainda”.

A questão da saúde, anunciada nos trechos anteriores, também aparece como tema importante nas representações sobre comportamentos adotados no cotidiano. Em muitos momentos, os depoimentos registram referências a práticas de saúde, mostrando como elas envolvem muitos sentidos. As falas dos velhos recuperam algumas de suas práticas e ações nesse campo e com isso expõem um universo de significação em que a identidade é afirmada nos princípios que regem as escolhas terapêuticas para o corpo doente. Também aqui, as imagens lembradas evocam pertencimentos e oposições. De imediato, o que se destaca é a colocação do costume, baseado na experiência, como elemento que os distingue, terreno de onde extraem os princípios que orientam

suas ações. Eles se apresentam como portadores de conhecimentos sobre o corpo e a saúde cuja eficácia se comprova em sua própria condição: sua força, longevidade, disposição. São conhecimentos herdados de pais e avós e cuja reabilitação, pela memória, relaciona-os a essas figuras. Lembrando essa herança, eles podem aconselhar, advertir.

Outro detalhe que eu tenho na lembrança, mais ou menos nessa mesma época, mais depois um pouco, foi que meu corpo ficou todo cheio de ferida e minha avó – aqueles velhos antigos sabiam muita coisa que herdaram dos antepassados – fez um banho de leite de cabra, poejo, rosa branca e mel silvestre e me deu um banho daquilo e mandou que me dessem três goles. Eu bebi três goles e a minha pele: aí, até hoje! Está entendendo como são as coisas? (Sr. Francisco).

Os depoimentos mostram ainda que, no decorrer da trajetória, o recurso à “autoridade das expectativas baseadas no costume” (Thompson, 1998, p. 22) permeia também o diálogo com o saber médico, fornecendo subsídios para desafiá-lo. E esse é um dos elementos envolvidos nos conflitos registrados na relação dos velhos com o sistema de saúde, a questão da autoridade para tratar esse corpo feito de muitas experiências e que reivindica sua autonomia. O senhor Mário me conta que se considera um “homem feliz” por ter “vivido 50 anos sem fazer uma consulta médica”, o que foi necessário novamente aos 74 anos em função de um problema de vista que acabou lhe revelando sua diabetes. A partir daí, passou a se preocupar com a taxa de glicose, submetendo-se mais frequentemente a exames. Mas me confessa que está desobedecendo sua médica ao “fazer o feijão e o arroz na gordura de porco”. Dizendo se sentir “muito bem”, esse senhor, que aos 82 anos cozinha para si e a irmã mais velha, me explica porque não abre mão desse seu hábito, atendendo as orientações médicas: “Eu comi gordura de porco 80 anos!” O senhor Sebastião também me conta que nunca foi “muito chegado em médico”, tendo feito sua primeira consulta aos 56 anos. Por longos trechos, narra, com detalhes, confrontos com médicos, dando destaque à sua esperteza, sua capacidade para encontrar soluções acerca de seus males de saúde, mais eficazes que as oferecidas pela medicina. “Se eu tivesse tomado esses remédio tudo, já tava morto.”

As lembranças sobre as práticas de saúde mobilizam também uma significação em torno da relação dos entrevistados com o sistema de saúde. Em

muitas falas, a lembrança da adoção de práticas referendadas por lógicas que escapam à racionalidade médica ocorre em contextos narrativos em que os velhos representam sua trajetória no sistema de saúde, mostrando-a como percurso não só de intervenções sobre o corpo, mas lugar de confrontos morais e de definição de identidades. Um episódio narrado pelo senhor Antônio é um dos trechos onde são identificados esses aspectos:

Toda a vida eu paguei INPS. Então, quando adoecia, eu ia no instituto. Tinha direito. Tenho, né? Eu não uso esse negócio de plano de saúde. Aqui, ó [mostra a perna machucada]. Isso aqui me deixou oito mês em cima de uma cama. Isso é uma ferida que me deu aqui. Eu tava tratando ela no posto médico de Santa Therezinha. Aí quando eu cheguei lá essa ferida tava assim, desse tamanhozinho. A ferida foi só aumentando, só aumentando. Ah, um dia eu cheguei lá meio doido. Aí falei troço lá pra danar. A chefona falou assim: “Você não pode falar isso aqui não.” Eu falei: “Eu posso falar sim, a boca é minha! Me prende. Me prende, uai. Vocês é que vai no meu lugar porque você é que tá em tempo de deixar a minha perna ser cortada. Cês tá tratando a gente feito qualquer um, uai! Pobre é honesto, é trabalhador, não pode ser assim não. Tratando pobre feito animal.” Aí não demorou quinze minuto, a ambulância do Hospital Escola chegou lá. Aí internei lá. Internei lá, era meio-dia mais ou menos. Aí com um mês eu saí de lá bão, andando. Mas quando foi depois, que eu machuquei a mão, outro dia mesmo, nego falou: “Vai no pronto-socorro.” Falei: “Que pronto-socorro, que nada!” Eu tenho remédio em casa. Tem muitos anos que eu uso. Botei umas duas vez, botei um curativo aqui. Aí, já tá são.

Ao narrar a vivência de uma situação de conflito no terreno conhecido da unidade de saúde, o senhor Antônio mostra que suas ações são tomadas segundo um *habitus* que as sugere como pertinentes num determinado contexto, sendo referendadas pela estrutura social. A estratégia de “ficar doido” baseia-se na vivência do descaso com o seu problema físico como uma situação “perturbadora” (Duarte, 1986)<sup>6</sup> que o afeta não só nesse nível, mas o atinge numa esfera fundamental em seu universo. A possibilidade de estabelecer a relação

---

<sup>6</sup> Segundo Luiz Fernando D. Duarte (2003, p. 178), são “condições, situações ou eventos de vida considerados irregulares ou anormais pelos sujeitos sociais e que envolvam ou afetem não apenas sua mais imediata corporalidade, mas também sua vida moral, seus sentimentos e sua auto-representação”.

que pessoaliza, que permite ao sujeito perceber-se como pessoa inserida em interações em que é reconhecido como tal. Então, a negligência atinge moralmente o narrador, pois o representa como “qualquer um”. Diante da impossibilidade da relação, de se fazer reconhecido como “alguém”, o sujeito move-se no terreno de uma “moral dos pobres”, evocando o que é importante aí, a virtude (Sarti, 1996). Sentir-se cortado do universo das relações sociais tem também, na lógica simbólica do senhor Antônio, o sentido da desumanização, é uma ameaça à pessoa humana – categoria que parece ser a única capaz de situar o pobre num contexto relacional, ainda que na abstração de sua igualdade em relação aos diversos segmentos sociais e sua diferencialidade no que toca aos outros seres. É essa carga moral contida na despersonalização e na desumanização que sustenta a evidência da saída adotada como aquela capaz de garantir-lhe os ganhos simbólicos e práticos necessários na solução de seu problema: conseguir o atendimento, restabelecendo a ordem que recupera a dignidade de sua pessoa. Quando menciona a recusa a ir ao pronto-socorro diante de um novo problema de saúde e a preferência por suas estratégias alternativas, o senhor Antônio amplia o sentido da evocação dessa situação de conflito, ao retomá-la, na revisão de vida, como experiência, como base de sua sensibilidade prática diante do mundo. Lembrar a situação perturbadora parece confirmar a justeza dessa outra forma de estratégia – a recorrência a hábitos antigos, forjados nas vicissitudes do cotidiano do trabalhador, em detrimento da assistência institucional – num campo social em que as experiências de saúde/doença são vivências de incerteza e negligência que tanto perturbam “o pobre”. O narrador nos diz então que, mesmo conhecendo os meios para viabilizar o atendimento, a experiência indica que, para o velho, por vezes é mais seguro manter-se no território dos costumes testados na prática, recusando a exposição à arena incerta do sistema público.

As imagens trazidas pelas lembranças do senhor Antônio mostram como, nas contingências da dinâmica saúde/doença, a identidade é expressa no corpo que exige ou recusa o atendimento, mediante o encontro com o saber médico e com a lógica que o reproduz, o sistema de saúde pública. A cena expõe a busca por reconhecimento e reciprocidade no delicado momento em que a fragilidade do corpo está exposta, suscitando a intervenção médica.

Nesse quadro de questões, coloca-se um tema importante: a autonomia do corpo envelhecido e o reconhecimento de sua autoridade, bem como seu

direito ao atendimento e ao cuidado. O corpo reconstruído pelos narradores em seu discurso sobre as práticas terapêuticas, um corpo pouco medicalizado, expressa, sobre isso, os limites do atendimento público em sua dimensão socioinstitucional e também cultural, como fica claro no exemplo do senhor Antônio. Os trechos que selecionei aqui não fazem alusão direta a outro elemento presente nesse debate, que é a dinâmica entre a autoridade e a necessidade de cuidado vivenciada na atribuição de papéis no interior da família. Sobre isso, nos exemplos que dei nesse texto, o senhor Pedro é um idoso que mantém sua autoridade no espaço da casa, mediada pela noção de respeito a sua condição de chefe de família e provedor. É nesse ambiente que se dá a negociação, com os familiares, do respeito a seus hábitos, que o vinculam à condição de trabalhador, e também o cuidado e a atenção devidos ao parente velho. O senhor Antônio vive uma situação diferente. Viúvo, ele mora com uma filha jovem, de 18 anos, e um neto recém-nascido, precisando trabalhar para a sobrevivência do grupo, questão que define, em grande parte, as possibilidades do narrador quanto ao cuidado no espaço privado e seus enfrentamentos na arena pública, onde é ainda o corpo do trabalhador pobre que se expõe. Essas duas trajetórias apontam para o fato de que, na realidade brasileira contemporânea, a questão do trato do corpo envelhecido, com suas expressões nas esferas pública e privada, vem sendo negociada de formas variadas no interior de transformações nos próprios padrões de proteção social e na família. A seguir, apresento um trecho em que o narrador, o senhor Nelson, 86 anos, trabalhador autônomo, aponta para uma tendência atual presente nesse contexto de negociações, mostrando alguns de seus significados nesse universo cultural. Trata-se da presença de uma atenção especial ao idoso como sujeito de direitos. O depoimento testemunha a mudança nos hábitos e costumes a partir da intervenção das normas sociais, mostrando essa vivência no terreno dos percursos terapêuticos da família e das relações entre parentes.

Quando tava doente, eu não tinha INPS, tomava um chá dentro de casa, né? Os filho também. Depois que eu comecei a pagar é que tive direito, aí levava eles no instituto. Hoje eu vou no médico com a minha filha, minha companheira também me leva, meus filho me leva. É pelo SUS. Porque eles não me aceita. É as norma deles agora. Se eu chegar lá pra consultar sozinho, eles não me aceita com essa idade: quem é que está aí com o senhor? Eles não aceita. Eu quero fazer um exame de vista, mas eles não deixa. Eles tá certo, né? (Sr. Nelson).

## Os aposentados e as imagens do envelhecimento

Na base social e histórica da experiência dos velhos dessa geração está presente a renegociação da condição do aposentado na sociedade brasileira contemporânea, contexto de mudanças marcado por alguns processos. Há a crise do trabalho e dos direitos sociais e seus impactos nos circuitos públicos e privados de solidariedades intergeracionais; a efetivação do idoso como sujeito de direitos, marcando a atual agenda política brasileira; a ampliação dos contatos multigeracionais numa sociedade em que se complexificam as pautas diretivas dessas interações; a possibilidade de dissociação entre velhice e aposentadoria, mediante formas mais flexíveis e individualizadas de apropriação do envelhecimento, sobretudo pelo controle de seus sinais corporais.

A revisão de vida fornece ângulos interessantes sobre os significados desse contexto, inscrito como realidade concreta para os narradores. São dados dessa vivência, as diversas formas de expressão da contradição entre o direito ao descanso, percebido como mérito do trabalhador, e a valorização, por razões diversas – necessidade material, busca da saúde – de uma vida ativa. Os trechos em que a aposentadoria é tematizada são privilegiados para compreender essa experiência, recuperando o sentido desse momento na organização do curso da vida. A aposentadoria garantiu a inatividade remunerada como um direito do trabalhador, mas por outro lado está associada a uma condição de morte social e ao estigma da inatividade (Debert, 1999). Ao mesmo tempo, os depoimentos revelam o diálogo dos velhos com a tendência contemporânea de desconstrução desse estigma, posta pela ideia de terceira idade. Esses são trechos que, então, nos ajudam a discutir os sentidos envolvidos nesse movimento de importantes implicações políticas e socioculturais, promotor de imagens mais gratificantes da velhice, mas também associado à sua reprivatização e ao consequente “encobrimento do estigma moderno da velhice” (Lins de Barros, 2004, p. 19).

O convite para contarem/refletirem sobre esse momento desencadeia a evocação de ricas imagens sobre esses muitos elementos, imbricados na construção das representações. No relato de alguns narradores, como o senhor Inácio, ferroviário de 82 anos, o tema encaminha a recuperação de uma memória instalada nos ritmos do corpo que, regido pelo hábito, não distingue o presente do passado, perpetuando algumas práticas:

A vida de aposentado mudou, eu gostei, mas um mês eu acordava de madrugada, eu falava pra ela [Dona Divina, sua esposa]: “Eu não tô perdendo a hora do trabalho, não?” “Não, você já aposentou.” E eu ficava. Aquela hora eu saía. Até hoje, de quatro hora da madrugada eu não durmo mais, acostumei.

Mas com a aposentadoria, o corpo é concretamente liberado da rotina produtiva, tendo redimensionadas suas possibilidades de atuar, de produzir, suas condições para agir no tempo. O encadeamento das lembranças desenha uma dinâmica específica da memória que muito revela sobre essa experiência. A tônica desse relato é a tentativa de situar a escolha feita após a aposentadoria, mostrando-a como significativa para o enfrentamento de uma nova etapa da vida que, se não é inativa, traz essa possibilidade, nas relações que se escasseiam, no corpo que dá sinais de cansaço, nas doenças que se pronunciam. A presença recorrente dessas imagens e o tom que as recobre mostram que se “os critérios que traçam as fronteiras entre atividade e inatividade não são mais determinadas pela aposentadoria” (Peixoto, 2004, p. 82), a memória desse momento ainda evoca, para esses velhos, a presença da idade. “E estamos aí tocando o barco, com essa idade que Deus deu à gente, ele dá força pra gente ir acostumando com as doenças, os trabalhos.” “E depois foi só isso, a família, os netos, até chegar nessa idade toda que eu estou, né?” Essas são frases-emblema da forma como o discurso sobre a aposentadoria é inaugurado com a síntese de seu significado: a reflexão sobre a velhice, sobre as marcas que ela inscreve no corpo, os lugares que ela faculta à vida. Nesse sentido, aqui, mais que em outros momentos da narrativa, as representações mostram-se como formas distintas de elaborar o curso da vida. O discurso constrói imagens que registram com expressividade a experiência humana da percepção do envelhecimento a partir das mudanças que ele traz para o corpo e sua capacidade de agir e interagir. O eixo simbólico atividade/inatividade é rico para a interpretação dessas imagens.

No conjunto das narrativas, as imagens do corpo cansado e inativo não são as mais frequentes. A maior parte dos depoimentos tece, a partir da evocação da aposentadoria, uma reflexão sobre a idade e a velhice que tenta preservar a imagem do trabalhador. “Eu trabalho porque eu ainda gosto de trabalhar”, diz o senhor Pedro sobre sua atividade diária na horta de casa. “Eu não sei ficar à toa não”, fala com frequência o senhor Mário, explicando que no ano em curso havia atendido alguns fregueses como tintureiro. “Se for preciso eu voltar

pra escola, eu aguento”, exclama Dona Ana, acerca de sua disposição para o retorno ao trabalho de servente. Essas frases exemplificam a forma mais geral como essa tônica de preservação do trabalhador se expressa: através da noção de prosseguimento da disposição e da capacidade para o trabalho. Contudo, a variada terminologia por meio da qual essa noção é construída – eles combinam e opõem termos como trabalho, atividade, movimento, ficar à toa, descansar, ficar parado, estagnar – expõe tanto a diversidade de lugares a partir dos quais a velhice está sendo pensada na sociedade contemporânea quanto a unidade possível entre esses olhares diversos.

Uma das noções percebidas como importantes nas representações elaboradas pelos velhos nesse contexto de questões concentra-se na ideia de que o exercício de alguma atividade é algo positivo para o velho aposentado. O termo “movimento” é bastante empregado na tradução dessa ideia, como mostra o senhor Inácio em sua fala sobre seu cotidiano de aposentado: “Eu levanto aí de manhã e faço uma limpeza lá, capinar o mato. Faço uma movimentação. Porque a gente tá aposentado, não pode ficar parado, né?” A importância dada ao movimento do corpo acaba por circunscrever uma representação do trabalho como algo legítimo para o velho. O movimento é reputado positivamente, pois evita ou adia a realização de alguns dos mais temidos estigmas da velhice: a perda do controle corporal ou cognitivo, geradora da invalidez e da dependência, bem como a solidão, a exclusão social. Nesse sentido, ele se opõe à ideia de “ficar parado”, “encostado”, “de braços cruzados”.

Outro eixo que atravessa essas representações mostra que a questão da atividade/inatividade se relaciona, na realidade contemporânea, a fronteiras socioespaciais postas a esse corpo que se faz ou se pretende ativo. A imagem do idoso ativo refere-se, no contexto atual, à exposição pública do velho que tem se dado, sobretudo, por sua reinserção no mercado de trabalho e sua participação em sociabilidades variadas em que se destacam os contatos intrageracionais promovidos pelas iniciativas nos moldes da “terceira idade”. O que está em jogo nesse movimento é sua relação com a sociedade complexa e individualista e suas possibilidades de trânsito por mundos sociais diversos, que não só expõem o corpo a múltiplos olhares externos como interpelam a subjetividade do velho quanto a seus comportamentos e escolhas. Nesse sentido, uma importante fronteira classifica os narradores: há velhices totalmente identificadas à rua e outras que se constroem na sua contramão, na direção dos bairros e no encerramento das casas. No primeiro caso, a imagem que se

constrói é a do velho ativo que viveu a aposentadoria como continuidade, em termos da manutenção de relações, da convivência com o diferente e, para alguns, em termos do exercício de uma atividade remunerada. O esforço desses velhos é, como dos demais, restabelecer a ligação com o trabalhador. Mas o exercício aqui não é só da memória. O corpo é posto em atividade. O “parar” é visto como “entrega” a uma velhice que priva esse corpo de um movimento fundamental, que é aquele possível no contato com outras gerações e classes no cotidiano das ruas. Há aqui uma identificação clara do estigma do idoso inativo como algo do qual querem se afastar.

Esse idoso ativo que precisa da “convivência na rua”, para usar os termos de um narrador, descortina um cotidiano repleto de desafios em que, interna e externamente, o homem e a mulher envelhecidos tomam para si a responsabilidade de seu envelhecimento. Não falo aqui da ausência da solidariedade em suas relações, mas de uma experiência subjetiva, uma preocupação com os sinais externos do envelhecimento, que se traduz na adoção de formas de controle do corpo no sentido de manter alguns atributos que o qualificam para a vida na rua. A experiência do senhor Sebastião, apresentada no início do texto, traduz essa condição no universo masculino, em que é tão mais importante a capacidade de prover e a valorização do trabalho como esforço. Em outro trecho, ele mostra como, em sua condição, os limites físicos se impõem como questão a ser elaborada no plano simbólico e enfrentada na vida prática. A juventude aparece aí como alvo de competição, mas também como um ideal, um valor.

Eu, não muda nada não porque eu ainda posso subir depressa no ônibus, mesmo com essa idade. Igual a hoje, eu não gosto de mostrar que eu sou idoso [...] eu gosto de ter saúde, eu gosto de estar competindo junto com os mais novo. [...] Depois que eu aposentei não mudou muito porque eu continuei trabalhando a mesma coisa, eu trabalho no mesmo ritmo. Eu só diminuí aqui porque essa hérnia me prejudicou, aí eu comecei a ficar meio fracassado, mas eu ia a pé daqui lá na cidade. Agora que eu vou de ônibus, mas se Deus quiser, acho que vai dar pra mim poder descer a pé ainda. (Sr. Sebastião).

No trato desse aspecto, considerar as diferentes trajetórias de gênero é importante. Para as mulheres, a atividade doméstica, de ajuda aos filhos e outros familiares aparece como continuidade de uma vida ativa no período

da aposentadoria e, hoje, num momento em que essa atividade também se reduziu, elas se fazem ativas nos clubes para a terceira idade, na dança, no carnaval. O envolvimento nessas atividades evoca a liberdade, uma ausência de constrangimentos – obrigações, horários, compromissos – para a experimentação de novas funções sociais, para explorar novos espaços da cidade, dar novas funções ao corpo e, sobretudo, “pra não ficar presa dentro de casa” nas palavras de Dona Rosa. Essas senhoras também relatam seus desafios nas ruas e nos próprios centros de convivência, em que a universalidade da categoria idoso – nas palavras de Dona Altina: “Aqui dentro somos todos iguais, todos idosos” – cria uma identidade, mas não recobre totalmente as diferenças sociais, de gênero e idade que se manifestam na interação, sob o olhar direto e próximo do outro. É também Dona Altina, tecelã de 82 anos, viúva, que me conta sobre o preconceito de que é alvo no centro de convivência. Os idosos mais jovens a criticam por não desenvolver atividades, frequentando o espaço apenas para “bater aquele papo com as amigas”. Em outro momento, essa senhora – cuja identidade se delinea de forma coerente numa referência viva ao trabalho fabril, como eixo fundamental para a vida, inclusive da velha aposentada –, destaca a presença dos “velhos pobres” que frequentam a instituição “apenas para merendar”. Observando a velhice desses companheiros, a narradora distingue-se dessa condição, tecendo uma explicação para a pobreza desses idosos, que reforça sua identidade de trabalhadora exemplar, baseada no bom desempenho como mãe: “Eles não souberam criar os filho.”

Mas das idosas que frequentam o centro de convivência, é Dona Ana, viúva de 80 anos, ex-tecelã e servente de escola, que, mais diretamente, problematiza a inatividade enquanto fator de exclusão, inclusive como impossibilidade de integração ao mercado. Após a aposentadoria, Dona Ana continuou com seus afazeres domésticos, ampliados pela presença do filho e da neta, de quem se ocupa bastante. Mesmo assim, a interrupção do trabalho parece ser representada como ameaça de aproximação daqueles estereótipos, talvez por romper com a dinâmica vivenciada durante boa parte da trajetória, marcada pela composição entre o espaço da casa e da rua. Constatar que “já passou da idade” para o mercado é perceber uma forma de exclusão ligada à condição do velho em nossa sociedade. Nesses marcos, é um dos confrontos mais definitivos com a própria velhice. Na experiência dessa narradora, a continuidade das atividades domésticas não parece ter sido suficiente para o afastamento do estigma do idoso inativo, havendo a necessidade e, como ela diz, a vontade de

buscar novos espaços de relações, inclusive não ligados apenas à questão da idade, como as escolas de samba. Para Dona Ana a atividade está, pois, associada também à rua, à manutenção ou descoberta de gostos e prazeres nesse espaço, conhecido e vivenciado por ela em longos anos de vida ativa. Falando-me ainda sobre seu cotidiano movimentado, ela me informa que “faz questão” de ir semanalmente ao salão de beleza do bairro, fazer as unhas e arrumar os cabelos, cuidados que, juntamente com outros hábitos, compõem seu ritual para se apresentar na rua: “Eu sempre gostei, eu passo batom, passo esmalte, uso brinco, colar. Gosto. Parece que eu sou rica. É, sair bonita. Por causa de ser velha vai se... vai encostar? Não!” A rua parece representar, aí, esse olhar fundamental para a identidade, o olhar do outro, talvez associado por ela, aos mais jovens, ou a pessoas oriundas de camadas sociais mais elevadas.

A relação entre envelhecimento corporal e exclusão do mercado é também o mote de Dona Maria Auxiliadora. Contudo, para essa senhora, o tratamento do tema envolve uma experiência de envelhecimento em que não há uma superação da imagem do corpo velho como limitante da integração social e da realização das próprias atividades domésticas, que aparecem como rotina cada vez mais desafiadora. Nesse caso, a apreensão da velhice na absolutização dos limites corporais funda projeções do futuro marcadas pela insegurança em torno do medo da dependência e da ausência do cuidado por parte de outros.

Eu fico muito triste de não tá trabalhando. Esses três anos pra mim têm sido uma vida de amargura, sabe? Eu tô louca procurando um serviço pra mim, mas eu ainda não encontrei porque ninguém dá serviço pra gente velha. Eu gosto de trabalhar porque eu não gosto de depender dos outros. Porque você já pensou? Eu não tenho a quem pedir pra ajudar, né? Quer dizer que tenho que contar com meus braços... (Dona Maria Auxiliadora).

As representações dessa doméstica de 76 anos, solteira, que trabalhou por quatro décadas para uma mesma família, inclusive morando no emprego, aposentada há três anos, traduz uma experiência em que o trabalho urbano, iniciado na juventude, significou uma ruptura com a rede mais ampla de parentes. O fim da vida produtiva confrontou-a com a pobreza, a distância dos parentes; é um desencontro com as raízes de sua “participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade” (Weil, 1996, p. 141). Nessa pesquisa, tal

percurso, vivenciado também por outros narradores, contém aquela vivência do envelhecimento que se dá no sentido do recolhimento ao mundo da casa, à qual me referia anteriormente, opondo-a ao grupo dos idosos que buscam a atividade. Nesse universo, aparecem formas de elaborar o envelhecimento que reputam o cansaço como condição inerente à aposentadoria e signo incontestado da velhice. Como na sentença de Dona Neuma, 76 anos, solteira, ex-servente de hospital que situa a questão no plano da moralidade que circunscreve a mulher ao espaço doméstico: “Eu já tava cansada, já tinha trabalhado muito. Depois de aposentada eu fiquei em casa. A gente, mais velha, tem que estar é rezando, quieta dentro de casa.” Ou no trecho abaixo, em que o senhor Altair – ex-jardineiro, 80 anos, viúvo, morando sozinho – expressa o seu cansaço:

Eu gostei de ficar em casa, mas a gente para porque o corpo vai cansando, né? Quando chega a aposentadoria a gente acha bom, a época de aposentar. A gente acaba acostumando de ficar sozinho. E tamo aí tocando o barco, com essa idade que Deus deu à gente, ele dá força pra gente ir acostumando com as doença, os trabalho. Eu levanto, deito aqui, saio um pouco, deito um pouco. Vejo televisão. Mas eu gosto mesmo é de descansar o corpo, deitar, descansar um pouco, levantar mais tarde. Com 80 anos tem que descansar mais um pouco, né? Vou ao banco, recebo, faço uma compra no centro, mas minha vontade é vir aqui pra casa, ficar no quartinho aqui, descansar um pouco.

Na contramão da velhice que se expõe, Dona Neuma e o senhor Altair despem-se da imagem de trabalhadores, mostrando-se como corpos cansados, não fazendo alusão a uma capacidade continuada de trabalho e manutenção de vínculos. Expressando sua solidão e enraizamento na casa, expõem um lado do envelhecimento que vem sendo encoberto pelo discurso da cidadania e da atividade: os limites da inclusão nesse contexto, tanto no tocante à precariedade de seus mecanismos materiais para lidar com essa face do envelhecimento quanto do ponto de vista das mediações culturais que criam para que suas políticas e discursos possam fundar espaços para que as experiências diferenciadas sejam processadas (Lins de Barros, 2004). O mergulho num mundo social restrito é, então, sua forma de se proteger, sem confrontos e necessidades de justificativa, de um contato com o mundo que exigiria negociações as quais não querem ou não podem fazer. A experiência de Dona Maria Auxiliadora também nos remete a essa forma de vínculo com a casa, ainda que ela manifeste o desejo de retorno ao mundo do trabalho. De todo modo, por meio desse

tipo de relação com o espaço doméstico, esses narradores inscrevem também seu contato com o mundo exterior e suas linguagens. Dona Neuma sequer cogita a possibilidade de frequentar qualquer espaço de convivência para idosos, como já fica claro no trecho mostrado acima. O senhor Altair e Dona Maria já tentaram participar do mesmo centro de convivência frequentado pelos outros narradores mencionados, mas não conseguiram se integrar. Eles foram ao local, assistiram a algumas atividades, mas não conseguiram construir as mediações que efetivariam seu pertencimento: “Só gosto mesmo de assistir.”

Esse modo de se relacionarem com a cidade é plenamente traduzido na forma do depoimento. A narrativa amarra com fios muito tênues, que não se revelam de imediato, os planos e caminhos da trajetória. Como a discreta presença desses narradores nas ruas da cidade, desenhando um percurso pouco visível. Na vida concreta desses senhores, a invisibilidade expressa também a ausência de um olhar atento por parte da família. Dona Neuma vive a expressão mais dramática dessa condição: para ela, a falta do olhar referencial do outro leva à diluição de sua própria imagem corporal e à falta de cuidado consigo que coloca em risco a integridade da vida.

As categorias interioridade e exterioridade evocam dimensões importantes na expressão simbólica da experiência do velho frente às imagens construídas socialmente. Elas sugerem que a experiência do envelhecimento constrói-se na relação entre fronteiras espaciais que expõem/protegem o velho do olhar externo, provocador de confrontos com seu universo interior e com suas relações. A experiência do senhor Pedro traz contribuições à análise dessa questão, mostrando os sentidos do seu recolhimento, diferentes daqueles que permeiam a trajetória de desenraizamento dos narradores que acabo de mencionar. O senhor Pedro, ex-tecelão de 88 anos, viúvo e morando com a filha mais nova e uma cunhada, declara seu pertencimento ao universo restrito da casa por ser esse o território onde consegue perceber suas realizações maiores enquanto provedor e transmissor de uma herança. Seu enraizamento nesse espaço é visto como culminação de uma trajetória de dedicação à família e ao trabalho e, nesse sentido, o mundo exterior, da rua, considerado já a partir do bairro, apresenta-se como espaço vazio de sentido e, por vezes, como ameaça. O narrador até vai ao centro algumas poucas vezes, para receber sua aposentadoria e comprar sementes, bem como faz sua caminhada diária pelas ruas do bairro. Mas sua identificação é com a família, resguardada no espaço doméstico. “Não tem mais uma pessoa de confiança assim. Tenho mais contato

mesmo é com a família. Aí tô em casa. Lugar bom pro velho é dentro de casa.” Esse trecho indica que a vida doméstica do narrador é uma forma de manter-se num território seguro e significativo.

O enraizamento na casa protege o corpo envelhecido do contato com um mundo exterior considerado, já a partir do bairro, como espaço vazio de sentido. Mas no contexto dessa narrativa que todo o tempo destaca a plena adequação do narrador às disposições de seu universo cultural, essa estratégia aparece como uma saída significativa e coerente. Penso que ela resguarda a identidade desse trabalhador, garantindo-lhe alguns direitos em sua velhice: o direito de estar num espaço onde pode usufruir e contemplar a casa e a família como frutos de seu esforço, o direito de viver, da forma que considera honrada, a última etapa da vida. Tal forma de construção da velhice define, pois, nesse vínculo com a família, uma relação com a sociedade contemporânea mais ampla e seus processos de mudança. Define, por exemplo, uma fronteira em relação às imagens do envelhecimento ativo, baseado na circulação pública do velho: “Esse negócio de velho dançando, velho em baile, isso é hoje. Eu não acho graça nisso não.” Do mesmo modo, o narrador estabelece assim sua participação social na cidade do presente e do futuro. Recolher-se é uma forma de se demarcar em relação aos rumos dessa cidade: “Daqui a uns ano o negócio vai ficar ruim, mas eu não vou ver...” Mas isso não implica a sensação de estar fora desse mundo ou a incapacidade de compreendê-lo. O senhor Pedro se recolhe para melhor observar esse tempo: “Eu tô de olho nisso aí”, diz sobre a mudança no comportamento dos jovens. Desse modo, ao contrário da identificação do estigma da inatividade e da tentativa de superá-lo, no longo depoimento do senhor Pedro não há qualquer problematização em torno da condição específica do velho. A velhice é naturalizada a partir de uma referência à trajetória do trabalhador aposentado e também no emprego da ideia de ciclo de vida. O afastamento do trabalho e o recolhimento ao espaço doméstico, onde continua a ser o chefe de família, extraindo daí a honra e o respeito, configuram condições ideais para a vivência do envelhecimento do trabalhador aposentado. O que não implica a inatividade. Cuidar sozinho de seu grande pomar é para ele um importante vínculo com essa representação de si como trabalhador, inclusive como corpo ainda disposto à atividade. A velhice é, pois, um momento específico do ciclo da vida; o último de uma longa trajetória. Trata-se da experiência do envelhecimento como uma passa-

gem que faz sentido dentro de um determinado tipo de trajetória orientada há muitos anos para certos valores e padrões.

A experiência do senhor Pedro põe em primeiro plano um elemento central desse universo de estudo. A importância da casa como espaço que resguarda um patrimônio importante para a família do trabalhador. A casa é o terreno concreto em que a troca e a transmissão intergeracionais, manifestas no cuidado e solidariedade entre parentes, são experimentadas como bem simbólico importante para garantir padrões morais e materiais de reprodução do grupo (Bourdieu, 1996). A relação dos velhos com a casa é uma remissão a seu papel na transmissão social, o que fica atestado na possibilidade de estabelecerem relações de reciprocidade nesse espaço. Essa é uma experiência tão mais contundente na velhice avançada em que a casa é, além disso, um dos principais espaços de sociabilidade. Por meio da realidade dos mais idosos fica evidente, ainda, um outro dado importante para toda a discussão feita. O que está em jogo nas negociações registradas pelas dimensões da atividade/inatividade e interno/externo, é, antes de tudo, a revisão de vida de velhos, o encontro com a história vivida num universo particular de cultura e, ao mesmo tempo, a busca de relações e espaços no ambiente contemporâneo. O corpo é um mediador nessa dinâmica temporal. Ao mesmo tempo em que se transforma, o corpo dá unidade às muitas situações vividas e concretiza um lugar social, uma identidade disposta pela “razão prática coletiva e individual” (Mauss, 2003, p. 404), representada no *habitus*. As relações entre o corpo e a experiência formam, pois, um eixo de significados importantes na tessitura das narrativas e das identidades em tela.

## Corpo, velhice e relações sociais

Acompanhando os eixos simbólicos construídos nos relatos, é possível acessar um conjunto de representações acerca do significado da velhice na sociedade moderno-contemporânea, resgatando-a como fenômeno complexo. No vocabulário dos velhos, nos signos que usam para descrever sua trajetória e nos significados que regem os contatos reais, tem-se a especificação de densas experiências que revelam, no âmbito diversificado das particularidades e singularidades, a relação desses velhos com traços mais gerais da vida socio-cultural nesse contexto.

Um eixo da cultura hegemônica atual é a importância da possibilidade de manipulação do corpo, como símbolo da ampliação da liberdade individual, da capacidade de escolha do indivíduo. Esse traço expressa os contornos que adquirem, em nosso tempo, os processos de individualização da vida social. Alves (2006, p. 67) explica que esse é um dado essencial do envelhecimento contemporâneo, marcado pela “fragmentação da experiência da velhice” na qual estão presentes a exigência de “um comprometimento do indivíduo com seu próprio processo de envelhecer”, bem como a ampliação das possibilidades de manipulação dos marcos etários.

Pensar esses fenômenos da individualização a partir do universo cultural dos velhos trabalhadores não é um exercício simples, ao mesmo tempo em que é uma tarefa importante. Os desafios práticos postos para esses idosos em seus percursos cotidianos mostram algumas instâncias, trajetórias e relações concretas que matizam essas tendências e que são importantes na análise das relações sociais contemporâneas.

As experiências corporais dos velhos, tão tensionadas entre a atividade e o descanso, a autonomia e a necessidade do cuidado, registram suas possibilidades para lidar com processos de individualização das relações e idades presentes nos espaços sociais mais amplos e sobretudo na família. Nesse universo, isso significa um processo de negociações mediante “satisfações culturais tradicionais” (Thompson, 1998, p. 23) reproduzidas em sua trajetória. Duas instâncias aparecem, então, como sendo fundamentais na construção dessas possibilidades: as trocas e a transmissão de experiências entre as gerações – evocativas da participação dos sujeitos no tempo social; os espaços de vivência da velhice, mais circunscritos a casa ou à rua.

A flexibilização de linhas diretivas para pautar as relações entre as gerações convive com uma nova normatização dessas relações em termos de direitos geracionais, bem como com o surgimento mais rápido de novos *habitus* de geração baseados em expectativas diferenciadas de consumo, direitos e necessidades, num contexto em que várias gerações estão convivendo e interagindo por mais tempo na família e nos espaços públicos. As possibilidades de desenvolver relações baseadas no compromisso da ajuda e cuidado mútuos são critérios centrais nas escolhas dos velhos, mas sua efetivação no interior das trajetórias circunscreve experiências diversas de envelhecimento, expressas nos lugares onde o velho vive essa etapa. A pesquisa registra algumas velhices significativas nesse sentido, mostrando-as na relação fundamental de

abertura ou fechamento em relação ao contexto de heterogeneidade social. A velhice vivida como isolamento e autonegligência é uma realidade concreta e bastante comum nesse universo, apesar de uma de suas características ser sua invisibilidade social, reveladora do aspecto mais perverso das imagens do envelhecimento bem-sucedido e de seus mecanismos sobre os corpos e suas expressões. Uma relação gratificante com a casa enquanto território que protege o corpo velho é também uma realidade que parece tão mais possível em contextos em que a casa é, de algum modo, um espaço prático de compartilhamento da experiência, o que pode significar uma relação com a sociedade complexa, marcada pela oposição. Os espaços de mediação, onde fronteiras socioculturais se interpenetram, são hoje lugares onde a velhice pode ser construída. Uma possibilidade posta aí é a reconstrução de projetos de vida e a vivência de situações e contextos que, mesmo desafiadores, são significativos para o velho, projetando seu corpo no presente. A exclusão social e simbólica é também um aspecto importante do envelhecimento que expõe, na condição do velho e de seus embates por direitos mínimos, como saúde e sobrevivência, a desregulamentação social como uma face real da individualização e da fragmentação.

## Referências

ALVES, A. M. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: LINS DE BARROS, M. M. (Org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 67-89.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1999.

DUARTE, L. F. D. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

DUARTE, L. F. D. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde coletiva. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 8, n. 1, p. 173-183, 2003.

- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GOMES, A. de C. *A invenção do trabalhismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- LINS DE BARROS, M. M. *Velhice na contemporaneidade*. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 109-142.
- MANNHEIM, K. *Sociologia do conhecimento*: vol. 2. Porto: Rés Editora, 1990.
- MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.
- PEIXOTO, C. E. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 57-84.
- SARTI, C. A. *A família como espelho*: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VELHO, G. *Biografia, trajetória e mediação*. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 13-28.
- WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Recebido em: 27/02/2010  
Aprovado em: 06/06/2010